



O MESMO E O DIFERENTE: DISCURSIVIDADES SOBRE OS SUJEITOS E O CORPO EM “UM ESTUDO EM ESMERALDA”

***Maria Eduarda Sousa Silva Carvalho¹. Estudante (IC); Fernanda Surubi Fernandes² (PQ)**

¹Graduação em Licenciatura em Letras-Português/Inglês. Voluntária Iniciação Científica – VIC/UEG.

Unidade Universitária de Iporá. E-mail: mariaeduarda.17032001@gmail.com

²Docente da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Unidade Universitária de Iporá. Iporá-GO.

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender como o corpo do monstro significa na narrativa de horror. Dessa forma, analisamos o corpo do monstro no conto “Um estudo em Esmeralda”, de Neil Gaiman, por meio, da paráfrase e polissemia, abordando as diferenças encontradas no corpo do monstro. Por meio deste estudo, poderemos perceber o olhar voltado ao monstro, como sujeito, introduzido em um discurso, que o separa do normal, o rejeita e o excluí, colocando-o de outras formas, como na diferença do sangue, que ao invés de vermelho, é verde, simbolizando o ser monstruoso, mas dominante na narrativa.

Palavras-chave: Discurso. Corpo do monstro. Sujeito.

Introdução

O objetivo deste estudo foi observar as regularidades na imagem de monstro produzidas pela narrativa “Um estudo em esmeralda”; para assim, compreender o funcionamento do discurso do horror e do sobrenatural no conto de Gaiman”, a partir dos conceitos de paráfrase e polissemia da Análise de Discurso de linha francesa, com base em Orlandi (2007).

A paráfrase e polissemia, de acordo com Orlandi (2007), estão ligadas a língua e sua ideologia, pois quando o sujeito faz seu discurso, apresenta-se também sua ideologia. Desse modo, as palavras ditas estão em constantes mudança podendo assim ter falhas e rupturas, tudo contribui para língua produzir diferentes sentidos, devido a sua incompletude.





Material e Métodos

O plano de trabalho foi desenvolvido através de leituras e pesquisa bibliográfica sobre o corpo e sua relação com a anormalidade na figura do monstro na literatura sobrenatural, e também sobre as relações parafrásticas e polissêmicas (ORLANDI, 2007). Depois analisamos o conto: “Um estudo em esmeralda” de Neil Gaiman, observando as regularidades sobre o corpo dos monstros que os (re) significam.

Resultados e Discussão

O corpo estabelece uma relação com o discurso, essa relação por sua vez, está além da história, da ideologia ou da língua, mas ligada ao corpo enquanto objeto significante. Para Ferreira (2013), o corpo seria algo realmente tocado pela língua, de falhas em si e em seu redor, pois essas falhas surgem do inconsciente, constituindo a materialidade.

Em algumas abordagens do corpo, Ferreira (2013) relata a divisão feita por Freud na qual há separação do corpo em prazer e realidade. O prazer está relacionado ao desejo do homem, já a realidade ao racional/ a pulsação vital. Além dos estudos de Freud, a autora cita Lacan, que debate o corpo como um efeito da linguagem, após a linguagem entrar em contato com o corpo o transforma e modifica-o, não um aspecto biológico, mas pertinente ao discurso e seus efeitos.

Já Cohen (2000) propôs a escrita de sete teses para analisar os monstros, não inteiramente, mas pela união de seus fragmentos que constituem os monstros. Em cada tese Cohen explica a estrutura de um monstro e toda a cultura e história que está a sua volta.

Com base nesse modo de olhar sobre o corpo e o monstro, analisamos o conto “Um estudo em esmeralda”. O conto apresenta uma investigação policial, em que o narrador nos apresenta um companheiro de moradia que possui o hábito de ajudar a polícia em suas investigações, mas aos poucos vamos percebendo algo estranho devido a alguns elementos, pois o ambiente e alguns personagens relevam um mundo





em que vive criaturas monstruosas e seres humanos, e o ser assassinado é uma dessas criaturas, com sangue verde, sangue da realeza.

Selecionamos algumas sequências discursivas para nossa análise. Nessa primeira temos a descrição do ser assassinado.

O cadáver, ou o que restava dele, ainda estava lá, no chão. Eu o vi, mas a princípio, de alguma forma, não o vi. O que mais me chamou a atenção foi o que esguichara da garganta e do peito da vítima: a cor ia do verde-bílis ao verde-musgo. Tinha penetrado no carpete surrado e espirrado no papel de parede. Imaginei por um momento que fosse obra de algum artista pirado que tivesse decidido criar um estudo em esmeralda. (GAIMAN, 2008, p. 10).

O investigador denuncia que aquele sangue era real e pertencia a um herdeiro da realeza. Aqui o sangue ser verde, remete ao título do conto que aparece bem ao final dessa sequência: “um estudo em esmeralda”. O conto, numa relação parafrástica e polissêmica, retoma sentidos de outras obras, para fazer inclusive uma homenagem, isso pode ser visualizado pelo título do conto em relação a uma das obras referenciadas. *Um estudo em vermelho/Um estudo em esmeralda*. Nesse título, a obra retoma sentidos da obra de Arthur Conan Doyle, deslizando apenas no elemento vermelho para esmeralda, ambos significam o sangue, mas um do ser humano e o outro do monstro.

Em ambas narrativas, a função de detetive se apresenta, e assim podem ir na busca do assassino, Gaiman homenageia Doyle e seu personagem famoso Sherlock Holmes. Esse processo de deslocamento produz efeitos ao mudar a cor do sangue, verde foge de um padrão estabelecido, uma normalidade referente ao humano e aqui significa o estranho, o monstro, mas um monstro que é príncipe, que está em posição de poder. Assim, faz também referência a outro autor famoso por suas obras de horror, Lovecraft, e o mundo narrado no conto de Gaiman significa um mundo invadido pelos monstros apresentados por Lovecraft em seus contos, um mundo agora dominado por monstros que estão agora em posição de poder, simbolizado no príncipe assassinado, mas também na Rainha Gloriana.

Ela era chamada de Vitória porque nos derrotara em combate, 700 anos antes, era chamada de Gloriana porque era gloriosa e era chamada de Rainha porque a boca humana não conseguia dizer seu verdadeiro nome. Era





enorme, mais imensa do que eu poderia imaginar, e estava agachada nas sombras, olhando-nos de cima, sem se mover. (GAIMAN, 2008, p. 14).

A rainha estava muito nervosa com o ocorrido e recomendava ao investigador achar o culpado, ela era uma criatura das sombras, imensa e incomum. Ao tocar no ombro do narrador sara misteriosamente e sua cor volta ao normal. “Então o membro se desenrolou e se estendeu, e ela tocou meu ombro. Houve um momento, mas só um momento, da dor mais lancinante e profunda que já senti, e em seguida ela foi substituída por uma penetrante sensação de bem-estar”. (GAIMAN, 2008, p. 14). Aqui o monstro marca sua presença, como símbolo da vitória sobre os seres humanos, como o poder que possui, marcado na cura do narrador.

Poderíamos pensar que o estranho que a narrativa apresenta, atravessa uma normalidade para o mundo que narra, nesse mundo perdemos a guerra, nós humanos, e os monstros venceram, mantendo também uma estrutura próxima do que conhecemos, como os termos de rainha e príncipe, mas não sendo mais a mesma coisa, não é o mesmo mundo. Nesse mundo os monstros venceram e assim impuseram o seu padrão, a sua sociedade, numa relação com a sociedade dos seres humanos.

Considerações Finais

Consideramos que estudo levantou reflexões sobre a condição do corpo do monstro e o sobrenatural, numa relação com as condições sociais, em que a noção de monstro e horror se ressignifica, ou seja, no mundo apresentado pela narrativa, o corpo do monstro vai tornando-se o normal, o padrão estabelecido, por serem os vitoriosos na guerra contra os humanos.

Assim, ser monstruoso depende de como a sociedade apresenta o olhar sobre o outro, sobre o corpo do outro, como algo que foge do padrão, assim, o sangue não mais vermelho, mas sim verde, materializa essa mudança na narrativa.

Agradecimentos





Agradecemos a UEG (Universidade Estadual de Goiás- UnU Iporá GO), por acreditar nos programa de iniciação científica e incentivar a pesquisa.

Referências

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-59.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. V. 3. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 253-340.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO** – Revista de Eletrônica de Estudos do Discurso e do corpo. Vitória da Conquista. V. 2. N. 1. P.77-82, 2013.

GAIMAN, Neil. Um estudo em esmeralda. In: GAIMAN, Neil. **Coisas frágeis**. Trad. Micheli de Aguiar Vartini. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

